



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA – DP
CURSO DE PEDAGOGIA

VERÔNICA ELEONOURA VIEIRA DE MEDEIROS CUNHA

UM NOVO OLHAR DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C914u Cunha, Verônica Eleonoura Vieira de Medeiros.
Um novo olhar do processo de avaliação na educação infantil [manuscrito] / Verônica Eleonoura Vieira de Medeiros Cunha. – 2012.
54 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Profa. Ma.Adalgisa Rasia, Departamento de Educação”.

1. Educação infantil. 2. Avaliação da educação. 3. Aprendizagem. I. Título.

21. CDD 372

VERÔNICA ELEONOURA VIEIRA DE MEDEIROS CUNHA

**UM NOVO OLHAR DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para integralização curricular do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Adalgisa Rasia.

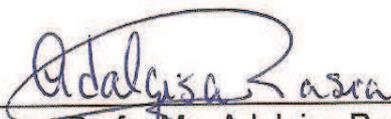
**CAMPINA GRANDE
2012**

VERÔNICA ELEONOURA VIEIRA DE MEDEIROS CUNHA

UM NOVO OLHAR DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aprovada em: 02 10 7 /2012

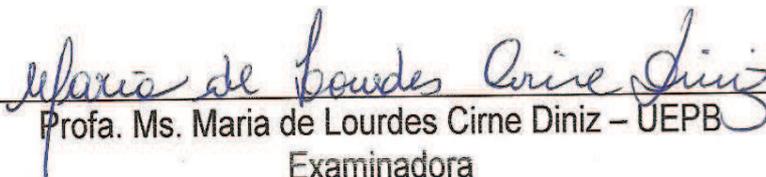
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Ms. Adalgisa Rasia – UEPB
Orientadora



Profa. Ms. Livânia Beltrão – UEPB
Examinadora



Profa. Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz – UEPB
Examinadora

A Deus,
Que em nome de Jesus e pela interseção de Nossa
Senhora, iluminou o meu corpo, a minha mente e o meu
espírito com os Dons do Espírito Santo, dando-me forças
na luta diária para escrever esta monografia.
A minha mãe, GORETI VIEIRA (in memoriam), mulher e
mãe forte, corajosa, honesta, dedicada, caridosa, exemplo
e inspiração para minha vida.
A Ana Lívia,
Meu orgulho e minha vida.
A Inairan,
Pelo amor, pelas palavras de carinho e de alerta para o
estudo.
Aos meus anjos de luz, Isabele e Íris (in memoriam),
sempre presentes na minha vida.

AGRADECIMENTO

A

Deus, pois, se tudo tenho é porque me Destes. Obrigado, Senhor!

Adalgisa Rasia, minha orientadora, como um anjo Divino, repleto de luz, ela entrou na minha vida e iluminou minha estrada acadêmica. Acolhendo-me com carinho e paciência, mas, também, com palavras firmes e sinceras, ela guiou meus passos rumo a esse trabalho final.

Inácio de Araújo Macêdo, Coordenador do Curso de Pedagogia, como um anjo de Deus enviado nos momentos difíceis da vida, ele apareceu na minha vida. Um “anjo terrestre”, humano, mas que não mediu esforços para me ajudar.

A Inairan e Ana Livia, pelo amor, carinho e paciência comigo durante as horas árduas e alegres na preparação desta escrita.

A minha irmã Cosma Maria (Ninha), pelo apoio e ajuda com minha filha. Aos meus irmãos João Rufino e Laércio, pois sei o quanto se orgulham de mim e o quanto eu me orgulho deles.

A minha tia Inácia Vieira, tia “Naná”, sei que me ama e me apoia.

A meu sogro e minha sogra, Inácio e Iranete, que os considero como meus pais.

Aos meus cunhados Ismael, Ives e Samuel e a minha cunhada Fabinha.

Aos familiares e às pessoas amigas que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a escrever este trabalho.

A todos e a todas, nomeados aqui ou não, meu sincero e agradecido obrigado!

[...] A (avalição) é o que me possibilita o exercício do aprendizado do olhar. Olhar é como sair de dentro de mim para ver o outro. É partir de hipóteses do momento da educação que o outro está para colher dados da realidade, para trazer de volta, para dentro de mim e repensar as hipóteses. É uma leitura da realidade para que eu possa me ler.

Madalena Freire, 1989.

RESUMO

Neste estudo procuramos analisar o significado da avaliação na educação infantil. Verificando quais concepções pedagógicas embasam esse processo avaliativo e quais são os instrumentos de avaliação mais presentes nesse segmento educacional, para tanto, apresentamos os conceitos e ideias de diversos autores sobre avaliação: Rabello (1998), Luckesi (1996, 2002), Coll (2000), Moretto (2001), Gadotti (1984), Vasconcelos (1994) e Hoffmann (1996, 2005), que destacamos um capítulo a parte para esta autora, por considerá-la a que mais contribui sobre o estudo da avaliação na Educação Infantil. Enfocamos, também, um breve resgate histórico da Educação Infantil e suas políticas públicas (Constituição Federal do Brasil, LDB, RCNEI), culminando o trabalho com a análise de instrumentos avaliativos aplicados nas Escolas de Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Avaliação. Instrumentos de Avaliação.

ABSTRACT

In this study we analyzed the significance of assessment in early childhood education. Checking which pedagogical assumptions underlie this assessment process and what are the assessment tools more present in this educational segment to end, we present the concepts and ideas of various authors on assessment: Rabello (1998), Luckesi (1996, 2002), Coll (2000), Moretto (2001), Gadotti (1984), Vasconcelos (1994) and Hoffmann (1996, 2005), which highlighted a separate chapter to this author, and consider it the biggest contributor on the study of assessment in Early Childhood Education. We focus, also, a brief historical review of early childhood education and public policies (Constitution of Brazil, LDB, RCNEI), the work culminating with the analysis of evaluative instruments applied in the Schools of Early Childhood Education.

Keywords: Early Childhood Education. Evaluation. Evaluation Instruments.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I: A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL	13
1.1. AS PERSPECTIVAS DE AVALIAÇÃO SEGUNDO VÁRIOS AUTORES	14
1.2. OS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO	17
Capítulo II: A EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO	21
2.1. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS	21
2.2. A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
2.3. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	28
Capítulo III: ANALISANDO AS FICHAS E OS RELATÓRIOS AVALIATIVOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	33
3.1. FICHA DE AVALIAÇÃO Nº 01	35
3.2. FICHA DE AVALIAÇÃO Nº 02	37
3.3. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO Nº 01	39
3.4. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO Nº 02	41
Considerações Finais	43
Referências	44
Anexos	46

Introdução

A avaliação na Educação Infantil consiste no acompanhamento do desenvolvimento da criança, dessa forma, o processo avaliativo precisa ser conduzido de maneira a fortalecer a prática docente, no sentido de entender que a avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento infantil perpassam por uma sintonia entre o planejamento e o processo de ensino.

Sendo assim, a forma/método de avaliar e os instrumentos avaliativos assumem um papel de grande importância, pois eles contribuem para a reflexão da ação necessária aos professores e aos outros profissionais que atuam no processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que a ação da prática docente é influenciada por pressupostos teóricos, metodologias e pelas concepções pedagógicas que se fazem presente na rotina escolar das instituições de educação infantil. Nesse sentido, buscamos, nesse trabalho, entender o processo de avaliação na Educação Infantil e os instrumentos utilizados para realizar esta ação educativa.

Justificamos a escolha por esse tema, devido ao longo tempo como educadora de crianças, especialmente na educação infantil. Onde, vivenciando a avaliação educacional, desse grupo discente, observamos que ela constitui-se como um grande desafio ao professor e que merece um aprofundamento teórico filosófico nas discussões e reflexões sobre avaliação da criança de 0 a 6 anos.

Enfatizamos que a educação infantil é um dos segmentos educacionais que apresenta muitos “equivocos” tanto na formação dos profissionais quanto na prática da sala de aula, fato este, que reflete no processo avaliativo.

Esses “equivocos” devem-se, em grande medida, a sua historicidade, visto que, no Brasil, essa etapa escolar foi sendo reconhecida aos poucos, tendo sua “legalização” efetiva enquanto parte fundamental do desenvolvimento humano, após a sua oficialização pela Constituição Federal do Brasil de 1988, a qual permitiu que outros dispositivos fossem criados, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mais conhecida como LDB.

No entanto, parece existir uma fragilidade em termos de práticas avaliativas existentes entre educadores e as práticas pedagógicas, o que leva a análise sobre o

objetivo e o registro do desenvolvimento da criança, conforme anuncia o artigo 31 da LDB Nº 9.394/96: “Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (LDB, 1997, p. 16).

Diante o exposto, objetivamos, nessa pesquisa, analisar o significado da avaliação na educação infantil. Procurando, especificamente, verificar quais concepções pedagógicas embasam esse processo avaliativo e quais são os instrumentos de avaliação mais presentes nesse segmento educacional.

Para tanto, faremos análises de alguns desses instrumentos avaliativos, com base nas concepções de vários autores e especialistas, principalmente, Jussara Hoffmann, os quais darão o suporte teórico e metodológico necessários ao desenvolvimento da presente escrita.

O presente trabalho foi desenvolvido, basicamente, por pesquisa bibliográfica e análises dos instrumentos avaliativos, tais como: fichas e relatórios de avaliação. Dessa maneira, realizamos um apanhado bibliográfico dos principais teóricos sobre a avaliação na educação infantil e sobre as teorias e concepções pedagógicas avaliativas, em livros, dissertações, monografias, artigos, enfim, em produções científico-acadêmicas que tratassem tanto da Educação Infantil quanto dos instrumentos de avaliação acima citados.

Nesse sentido, o presente trabalho é dividido em três capítulos. No Capítulo I: “A Avaliação no contexto educacional”, trataremos sobre a visão de avaliação presente em diversos autores, a exemplo de Jussara Hoffmann e Moacir Gadotti. Falaremos, também, sobre os métodos de avaliação presentes na sala de aula, tais como: o classificatório, o formativo e o mediador.

O Capítulo II, intitulado: “A Educação Infantil e o processo de avaliação”, abordaremos, resumidamente, a historicidade da Educação Infantil no Brasil, com destaque para as políticas públicas criadas pelo Governo Federal, como por exemplos a LDB e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, também, conhecido como RCNEI.

Ainda no segundo capítulo, trataremos sobre o processo de avaliação na Educação Infantil e as áreas do conhecimento propostas pelo RCNEI, dando ênfase a forma de trabalhar essas áreas em sala de aula de acordo com cada fase do desenvolvimento infantil e finalizamos o capítulo com uma abordagem sobre os

instrumentos avaliativos mais utilizados pelos professores, quais sejam: observação, registro, portfólio, fichas e relatórios.

No Capítulo III: “Analisando as fichas e os relatórios avaliativos utilizados na educação infantil”, é considerada a parte prática de nossa pesquisa e realizamos através da seguinte metodologia: análise de dois instrumentos de avaliação mais presentes na sala de aula – as fichas e os relatórios. Utilizando-se como referencial teórico, para tanto, as concepções e teorias sócio-construtivistas e enfocando uma avaliação formativa e mediadora.

A título de considerações finais, propomos demonstrar as análises que chegamos ao decorrer da pesquisa, com intuito de dar nossa contribuição para o estudo sobre a avaliação na educação infantil, partindo, assim, das palavras de Rubem Alves (2003, p. 57), quando este disse que: “[...] O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto...”.

Capítulo I

A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A avaliação se faz presente em todos os campos da atividade humana. A tarefa de avaliar é muito complexa, pois, envolve não só o “medir”, o “julgar”, o “comparar”, os aspectos quantitativos, mas, também, – e principalmente –, o processo qualitativo, contínuo e dialógico da interação entre professor e alunos no dia-a-dia escolar.

Segundo Rabelo (1998, p. 11), “[...] avaliar é indispensável em toda atividade humana e, portanto em qualquer proposta de educação...”. Nesse sentido, percebe-se que a avaliação é uma atividade importantíssima na vida do ser humano e, especialmente, nas propostas educacionais, seja ela qual for. Isto porque, é através dela que poderemos compreender nossa prática e melhorá-la se e quando se fizer necessário. Dessa forma, como atesta Jussara Hoffmann (2005, p. 150): “[...] A ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado...”.

Quando Hoffmann (2005) analisa o processo da ação avaliativa da aprendizagem como um mecanismo, ou, um dos mecanismos, responsáveis pela formação psicossocial do indivíduo, respeitando suas diferenças e particularidades. A autora propõe que o ato e/ou a ação de avaliar não deve ocorrer somente no momento da “prova”, para atribuir uma nota ao possível conhecimento adquirido – e compreendido? – pelo aluno/aluna, ela considera que a avaliação deve ser contínua, ocorrendo de forma processual e não em instantes distintos que priorizam o medir, o julgar, o comparar.

Diante de algumas transformações que vem ocorrendo no âmbito educacional brasileiro, a avaliação tem ocupado um lugar de destaque nessas mudanças. Sendo um tema bastante polêmico e controverso – suscitando pontos de vista díspares entre os estudiosos que se dispõem a tratá-lo –, é a partir dela que chegamos, ou não, a uma resposta para as nossas observações, análises, inquietações, ataques e defesas das propostas curriculares educacionais.

Na dinâmica do ato de avaliar na escola, precisamente na sala de aula, ainda, nos deparamos com uma

[...] contradição entre o discurso e a prática de alguns educadores e, principalmente a ação classificatória e autoritária, exercida pela maioria, encontra explicação na concepção de avaliação do educador, reflexo de sua estória de vida como aluno e professor... (HOFFMANN, 1996, p. 12).

Seguindo os caminhos traçados pela autora, percebemos como é difícil provocar mudanças na esfera educacional, principalmente, quando se remete a avaliação. Posto que, a grande maioria dos professores, traz enraizados paradigmas “tradicionais” de avaliação aos quais foram educados e estes ficam subjetivados na sua formação pessoal e vivência educacional. Tudo isso, junto e misturado, confunde nossa ação enquanto educadores, especialmente no que concerne a avaliação como aferição da aprendizagem a partir de uma atribuição de nota ou conceito.

Logo, essas práticas avaliativas, dentro de um contexto educacional fragmentado, onde tratam o conhecimento como um valor determinado, o/a aluno/aluna passa a ser medido e qualificado semelhante a um produto cartesiano. Dessa forma, essa avaliação quantitativa, não contribui no objetivo primordial da avaliação, qual seja: diagnosticar e redimensionar a vivência educativa.

Vários destes (pré)conceitos foram fixados nas práticas profissionais de muitos professores/professoras em relação ao ato avaliativo, ficando expostos ao currículo oculto, o qual, segundo Silva (2002, p. 78), são “[...] todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes...”.

A partir das palavras de Silva, precisamos saber o que se aprende e ensina no currículo oculto, pois, é através dele que são fundamentadas atitudes, comportamentos, orientações e valores que permitiram os indivíduos se ajustarem a uma sociedade capitalista e excludente.

1.1.AS PERSPECTIVAS DE AVALIAÇÃO SEGUNDO VÁRIOS AUTORES

Ao falarmos em avaliação, muitas vezes, não atribuímos ao termo o mesmo significado. Isso porque, não há um só tipo de avaliação. Em nossa vida estamos

constantemente nos avaliando, nas relações cotidianas, em casa, no trabalho e no lazer, e isso sempre nos remete a um juízo de valor sobre nós mesmos e sobre o que estamos fazendo e, também, sobre os resultados de nossas ações e dos outros.

No campo educacional e pedagógico, a avaliação é um mecanismo importantíssimo – se não o mais importante – no processo de ensino-aprendizagem, como podemos observar nas palavras de Coll (2000 apud DOROCINSKI 2003, p. 23) a seguir:

A avaliação designa um conjunto de situações previstas no Projeto Curricular, mediante o qual é possível ajustar progressivamente a ajuda pedagógica às características e necessidades dos alunos e determinar se foram realizadas ou não e até que ponto as intenções educativas estão na base de tal ajuda pedagógica.

A avaliação, na concepção de Coll, apresenta a ideia de que é realizada de maneira organizada para diagnosticar e informar as necessidades de aprendizagem dos educandos, de forma que as intenções e intervenções pedagógicas sejam bem sucedidas em todo o processo de ensino-aprendizagem e, caso necessário, sejam reorganizadas para assegurar o alcance do objetivo que é a aprendizagem durante o desenvolvimento das atividades escolares.

Nesse sentido, de acordo com MORETTO (2001, p. 16): “A avaliação da aprendizagem é talvez o momento mais forte da ética na didática, pois, é o momento em que julgamos, é o momento em que podemos definir a vida do aluno”.

Sendo assim, a ação avaliativa deverá ocorrer sempre em favor do sujeito do processo, que é o aluno, e este deverá está comprometido com sua aprendizagem, para isto, o professor, por sua vez, vai fazer um juízo de valor didático para auxiliar o educando no processo de ensino-aprendizagem,

a avaliação é inerente e imprescindível durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão-ação, porque educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente (GADOTTI, 1984, p. 90).

Nesta perspectiva, a prática educacional para GADOTTI precisa estar conscientemente preocupada com a promoção da transformação social e não com uma “aprendizagem” inconsciente sem reflexão e, para tanto, tem que ter clareza e eficácia nas ações pedagógicas para que a avaliação não se torne um ato mecânico

e contribua sim, para a construção de sujeitos conscientes e críticos de seu papel na sociedade.

Para que isso aconteça, a escola não pode continuar trabalhando com verdades absolutas, principalmente no que se trata do processo de avaliação. Para tanto, a escola precisa se investigar e questionar o tempo todo o seu trabalho, sua ação educativa, precisa se auto-avaliar. Sendo assim, Luckesi afirma que:

[...] avaliação é um processo que não se dá – nem se dará num vazio conceitual, mas sim, dimensionada por um modelo teórico de mundo e, conseqüentemente, de educação, que possa ser traduzida em prática pedagógica... (LUCKESI, 1996, p. 28).

Todavia, esta prática pedagógica que o autor almeja deverá ser alicerçada em uma avaliação que se preocupe efetivamente na aprendizagem do educando, ou seja, que se interesse na aprendizagem real do aluno e no que está sendo ensinado a este.

Ainda segundo Luckesi(2002, p. 33), a

[...] avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vistas uma tomada de decisão.

De acordo com a citação anterior, nesse contexto educacional, a avaliação escolar deverá manifestar-se como um mecanismo diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora, isso não quer dizer uma forma de punição do educando pelo educador, posto que,

a prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, “branco”, medo, angústia, insônia [...]. Uma escola que precise recorrer a pressão da nota logo nas séries iniciais, é certamente uma triste escola e não está educando, é uma escola fracassada (VASCONCELLOS, 1994, p. 37).

Na perspectiva de VASCONCELLOS, a avaliação acaba desempenhando, na prática, uma ação mais política do que pedagógica, pois não é utilizada como um recurso metodológico de reorientação e/ou reorganização do processo ensino-aprendizagem, pelo contrário, será realizada como um instrumento de controle e

poder, tanto por parte do sistema social quanto pelo sistema educacional, pelo professor e pelos próprios pais.

Portanto, a avaliação da aprendizagem não se constitui em uma matéria pronta e acabada, ela parte de uma flexão-ação, nesse sentido, de acordo com Hoffmann (1996, p.p. 18/19):

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona as novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre a realidade e acompanhamento, passo a passo, do educador na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo através do qual educando e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação.

Nesta concepção de educação, a avaliação deve ser vivida como um processo permanente de reflexão cotidiana, e é nesse sentido que o ato de avaliar deve ser visto como um processo contínuo de rever e refletir sobre o passado para se reconstruir o futuro no presente. Dessa forma, ainda seguindo os passos de Hoffmann (1996, p. 14):

A ação avaliativa, abrange justamente a compreensão do processo cognitivo. Porque e que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidade de o aluno refletir sobre o mundo e de conduzi-lo a construção de um maior número de verdades, numa espiral necessário de formulação e reformulação de hipóteses [abstração reflexiva]. Não há começo, nem limites, nem fim absoluto no processo de construção do conhecimento...

Percebe-se assim, que a avaliação não é uma mera ação executadora em função de fatores prefixados, porém, será uma reflexão sobre a ação para reordenar e/ou reorganizar o ato e/ou processo quando este precisar ser reordenado e/ou reorganizado.

Sendo Hoffmann considerada a autora que mais estudou e adaptou os conceitos básicos da avaliação para ser aplicado nas salas de aula da educação infantil. Portanto, nos capítulos posteriores, buscaremos resgatar e problematizar suas propostas de avaliação.

1.2. OS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação é abordada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), na sua introdução e no final de cada área do conhecimento, ressaltando, assim, o reconhecimento da importância do assunto no contexto educacional. Para tanto, o RCNEI esclarece:

Neste documento, a avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática às necessidades do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços nas aprendizagens das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo (BRASIL, 1998, p. 59).

Sendo assim, a avaliação é vista como um processo contínuo, objetivando alcançar o pleno desenvolvimento das habilidades, de forma que favoreça a construção da autonomia das crianças e dos demais envolvidos no processo.

No RCNEI a avaliação é denominada como uma forma sistemática, contínua e formativa, o modo da avaliação será através da observação e registro feita pelo professor e terá como função avaliar e redirecionar o planejamento das atividades, a escolha do conteúdo, o acompanhamento da aprendizagem dos alunos, as conquistas e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que existem vários tipos de métodos avaliativos para serem trabalhados no processo educativo, dentre eles, destacamos, os mais significativos, a avaliação classificatória, a diagnóstica, a formativa e a avaliação mediadora:

Na Avaliação Classificatória, trabalha-se com a seleção e classificação do indivíduo em um padrão determinado. Nas escolas, ela é usada, geralmente, como uma medida da capacidade cognitiva da criança, utilizando-se, para isso, a “nota” como resultado bruto e absoluto do desenvolvimento intelectual do aluno/aluna. Segundo atesta Hoffmann (2000, p.22) “[...] a avaliação classificatória se resume à decisão de enunciar dados que comprovem a promoção ou retenção dos alunos”.

Portanto, nessa concepção de avaliação, a criança não é instigada a desenvolver competências que a façam interagir e problematizar com o meio sociocultural em que vive. Mas sim, a uma atitude de valorização da aprendizagem por meio da memorização, a conhecida “decoreba”, com o objetivo de “tirar” uma boa nota nas provas, ou seja, ser aprovado ou reprovado.

Enquanto a avaliação classificatória visa o resultado final em uma prova, a preocupação da avaliação diagnóstica é a reflexão da aprendizagem, conforme depreendemos das palavras de Luckesi (2003, p. 35), quando este faz um comparativo entre uma e outra forma de avaliar:

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência.

Enfatizamos, com isso, que para a avaliação diagnóstica surti realmente efeito, será primordial que o professor esteja em constante reflexão de e com sua prática pedagógica, de uma forma participativa e crítica, pois a avaliação não terá como função medir e/ou classificar, mas sim, servirá de base para uma reflexão/ação transformadora e significativa que levará ao aperfeiçoamento do processo avaliativo.

Já na avaliação formativa ocorre ao longo de todo ano letivo, através de acompanhamentos, ao lado da criança, no decorrer de suas atividades, pois, nessa concepção de avaliação, o professor ajudará o/a aluno/aluna a desenvolver suas capacidades tanto cognitivas quanto afetivas e ajudará-la a superar suas dificuldades, fornecendo informações onde, as crianças, poderão empregá-las durante sua vida.

Sobre esse tipo de avaliação e o papel do professor, segundo Perrenoud (1999, p. 75) afirma:

A avaliação é formativa quando o professor contribui para a regulação das aprendizagens no sentido de domínio, numa concepção particular dos objetivos, da aprendizagem ou da intervenção didática, não esquecendo que é preciso de um aprendiz, um professor para organizar e gerir as situações didáticas.

Destacamos que avaliar, em uma concepção formativa, não será, apenas, avaliar em momentos distintos, mas, uma ação que deve ser feita diariamente no cotidiano escolar, a partir das atividades propostas pelo professor, onde, o mesmo, acompanha o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, conhecendo e trabalhando os limites e avanços do processo da aprendizagem. Ainda de acordo com Perrenoud, a

[...] avaliação formativa apresenta-se sob a forma de uma regulação interativa, isto é, de uma observação e de uma intervenção em tempo real, praticamente indissociáveis das intervenções didáticas propriamente ditas (PERRENOUD, 1999, p. 101).

Logo, a avaliação, nessa perspectiva, buscará desenvolver na criança uma educação de qualidade e significativa, onde a observação e intervenção do professor será primordial para ajudar o desenvolvimento da criança.

Com relação a avaliação mediadora, Hoffmann defende que: “[...] a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício ao educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado” (HOFFMANN, 2005, p.150). Dessa forma, é primordial a relação do conhecimento e respeito entre professor/educador e aluno/educando, pois é através dessa relação/proximidade que se desenvolverá a verdadeira avaliação mediadora, a qual beneficiará tanto o educando quanto o educador.

Hoffmann (2005) fundamenta-se em dois princípios de processo avaliativo mediador. No primeiro, é o processo formativo, que está baseado na interação do educador em desenvolver estratégias de atividades desafiadoras para a criança, a partir da observação e reflexão das ações individuais do ensino e da aprendizagem.

O segundo é o princípio ético, focado em cuidar mais de quem precisa mais. Dessa maneira, a avaliação terá uma maior/melhor efetivação a serviço do aluno de modo que o beneficie, incluindo-o e permitindo-lhe superar suas dificuldades e apropria-se do saber.

Sendo assim, a formatividade e a ética são compromissos primordiais da avaliação mediadora, pois eles transmitem a preocupação em conhecer, reconhecer e valorizar as diferenças, em preservar a liberdade e favorecer as competências e potencialidades da criança em seu desenvolvimento como um todo. Logo,

[...] atuar com base na compreensão do outro, para se entender que ela [a avaliação] nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo. Sem uma reflexão séria e valores éticos se perdem os rumos do caminho, a energia, o vigor dos passos em termos da melhoria do processo (HOFFMANN, 2005, p. 17).

Portanto, neste aspecto, percebemos a importância deste tipo de avaliação na sala de aula de Educação Infantil, pois permite uma relação de aprendizagem significativa com valores básicos a serem trabalhados com as crianças.

Capítulo II

A EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo abordaremos, resumidamente, a historicidade da Educação Infantil no Brasil e as políticas públicas criadas pelo Governo Federal para consolidá-la – a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) –. Bem como, falaremos, também, sobre o processo de avaliação na educação infantil e as áreas do conhecimento propostas pelo RCNEI.

2.1. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS

A Educação Infantil surgiu no Brasil em meados do século XIX, criando as instituições de atendimento às crianças de 0 a 6 anos. Tais instituições tinham por objetivo primordial atender a camada mais pobre da sociedade, que não dispunha de condições suficientes para cuidar e educar os filhos, era a chamada educação compensatória.

Depois, com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, especialmente após as duas grandes guerras mundiais, também, contribuiu e muito para esse “desamparo” às crianças, pois, as mulheres mães de família, passaram a trabalhar fora de casa e, por isso, não tinham com quem deixar seus filhos. Dessa forma, essas instituições assistencialistas, eram tidas como um “depósito” de crianças, onde, bem ou mal, mantinham suas necessidades básicas com higiene e alimentação.

Foi somente a partir da metade do século XX que a infância no Brasil passou por um momento importante de transformações. Devido aos vários movimentos sociais – feministas e populares, principalmente – que ajudaram a despertar o interesse e a preocupação da sociedade sobre que tipos de educação e cuidados as crianças recebiam nessas instituições de “ensino”, as quais estavam atreladas as

mudanças intensas e significativas de urbanização, democráticas e educacionais que passava o Brasil.

Logo, como fruto das transformações históricas brasileiras, especialmente, as lutas pela redemocratização – após o período militar de 1964 a 1985 – e pela valorização do ensino público, a Constituição Federal Brasileira de 1988 definiu, no seu artigo 227, o seguinte:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda e qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão.

Para a Educação Infantil, este é um marco importantíssimo, pelo menos do ponto de vista legal, pois, assim, nem os pais e/ou responsáveis, nem as instituições de atendimento ou qualquer setor da sociedade e do governo podem desrespeitar os direitos e deveres definidos na Constituição Federal do Brasil, a qual reconhece a criança como um cidadão em desenvolvimento, assegurando, em seu artigo 208 inciso IV, o “[...] atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade...”.

Entretanto, a Educação Infantil só passará a fazer parte, efetivamente, do ensino brasileiro após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – Nº 9.394 de dezembro de 1996, a qual regulamenta no seu Artigo 29:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos: físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1997, p. 16).

Nesse sentido, a LDB – como é mais conhecida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – obriga os municípios a atenderem as crianças na faixa etária de 0 (zero) a 6 (seis) anos, em uma perspectiva não mais assistencialista, mas sim, educativa e, com isso, a Educação Infantil, ao longo dos anos, foi construindo sua identidade no ensino brasileiro. Ressaltamos que, atualmente, conforme a reformulação da LDB sinalizou, o ensino obrigatório da Educação Infantil é de 0 (zero) a 5 (cinco) anos e o Ensino Fundamental passou a ser de 09 (nove) anos de idade, a iniciar-se aos 6 (seis) anos de idade.

Por sua vez, a avaliação na Educação Infantil, também, foi se construindo, baseada numa concepção e/ou modelo de instrumentos classificatórios do Ensino Fundamental, até chegar ao que a LDB explicita na Seção II, artigo 31: “[...] Na educação infantil, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (BRASIL, 1997, p. 16).

Analisando essa afirmação, devemos buscar diferentes formas de desempenhar a avaliação na educação infantil, como uma maneira de acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem e o socio-afetivo sem o intuito de promoção, mas objetivando ajudar a criança a vencer suas dificuldades.

O Ministério da Educação, tendo por base a LDB N° 9394/96, elaborou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, cuja intenção é:

[...] apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos da infância são reconhecidos (BRASIL, 1998, p. 9).

O Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), publicado em 1998, teve sua elaboração realizada por vários educadores e estudiosos da área, sob a coordenação da Secretaria de Educação Fundamental, do Ministério da Educação e Desporto. Na sua bibliografia encontra-se: referências de vários documentos oficiais brasileiros; propostas curriculares estaduais e municipais; e, obras de diversos autores nacionais e estrangeiros que foram a base deste documento.

O RCNEI é composto por três volumes. O Primeiro volume introduz suas concepções básicas para a Educação Infantil, como, por exemplo, a questão do educar, do cuidar, o perfil profissional do professor, a organização do ambiente entre outros assuntos abordados.

O volume II trata da formação pessoal e social de identidade e autonomia da criança. Nele encontram-se as concepções de infância, conceitos sobre o desenvolvimento infantil e os conteúdos a serem trabalhados para a formação da identidade e autonomia na faixa etária de 0 a 6 anos. Apresenta, também, orientações gerais ao professor sobre o cuidado e organização do espaço escolar.

O Terceiro e último volume do RCNEI refere-se ao conhecimento de mundo e aponta os eixos de trabalho que orientam as áreas de conhecimento com diferentes linguagens a serem trabalhadas, tais como: O Movimento, a Música, as Artes Visuais, a Linguagem Oral e Escrita, a Natureza e Sociedade e a Matemática.

2.2.A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabemos que a qualidade do trabalho pedagógico realizado nas instituições de Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento global da criança de 0 a 5 anos. Dessa forma, é fundamental que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma gradual, contínua, cumulativa e interativa.

Enfatizamos que a criança é um ser social dotada, desde o nascimento, de competências, sejam elas emocionais ou cognitivas. Ela traz consigo um anseio de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que seja compreendida e influenciada e/ou compreender e influenciar. Logo, com essa troca e obtenção das experiências adquiridas, ela vai desenvolver suas relações sociais, interações e formas de comunicação.

2.2.1. As diferentes áreas do conhecimento propostas no Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI)

A Educação Infantil, de acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), é apresentada em duas etapas: A criança de 0 a 3 anos encontra-se nas creches e a de 4e5 anos na pré-escola. Este documento oficial do Ministério da Educação (MEC) apresenta as áreas do conhecimento que são: Linguagem Oral e Escrita; Natureza e Sociedade; Artes Visuais; e Matemática – propostas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, a avaliação baseia-se: na observação, registro e na avaliação formativa, considerando a idade e o desenvolvimento da criança.

No estudo das áreas do conhecimento trabalhadas em sala de aula, é importante enfatizar que,

[...] a avaliação não se dá no momento final do trabalho. É tarefa permanente do professor, instrumento indispensável à constituição de uma prática pedagógica e educacional verdadeiramente comprometida com o desenvolvimento das crianças... (BRASIL, 1998, p. 203).

Sendo assim, realizaremos uma breve discussão a respeito da avaliação em cada área do conhecimento, dessa forma, iniciaremos falando sobre *a Linguagem Oral e Escrita*. Nessa área, a avaliação considera que é importante fazer um levantamento, uma avaliação diagnóstica, para obter as informações necessárias do conhecimento prévio que as crianças já possuem na escrita e na leitura.

Concernente à linguagem oral, deve-se observar as diferenças individuais e suas possibilidades de aprendizagem, para que, então, o professor possa planejar a sua prática, selecionar os conteúdos e materiais, definir objetivos e propor atividades que devem ser contextualizadas de acordo com a realidade das crianças.

Em se tratando das crianças de 0 a 3 anos, é primordial considerar na linguagem oral utilizar e explorar materiais escritos, pois isso fará com que as crianças participem e interajam em várias situações, tais como: as conversas e ouvir histórias contadas e lidas pelo professor. Deverá, também, ver diversos atos de escrita realizados pelo professor e ter acesso a materiais escritos variados. Todas estas atividades servirão para a criança se familiarizar com as práticas culturais que envolvem a leitura e a escrita.

Para as crianças de 4 e 5 anos deve-se observar, na prática da oralidade, a participação nas conversas e se elas utilizam-se de diferentes recursos que são necessários ao diálogo, se ampliam o seu vocabulário quando manuseiam materiais escritos variados, se interessam-se a ler e ouvir leitura de histórias, se eles utilizam expressões de cortesia. No caso da leitura, observa-se se elas pedem para o professor ler e fazem comentários sobre o que ouviram e/ou leram e se recomendam a leitura aos seus colegas.

Já quanto a prática escrita de produção de textos, observar se elas se interessam por escrever seu nome e o nome de outras pessoas. O professor deverá, também, colecionar as produções das crianças, pois esse material irá ajuda-lo a fazer um melhor acompanhamento da avaliação da aprendizagem da criança.

Devemos destacar que na área da *Natureza e Sociedade*, a avaliação na fase de 0 a 3 anos é realizada através da observação das atividades que envolvam a exploração do ambiente imediato e a manipulação de objetos. O registro será a fonte de informações sobre as crianças em seu processo de aprender e do professor sobre o seu processo de ensinar.

Já na avaliação de 4e5 anos o professor deverá desenvolver atividades variadas relacionadas a festas, brincadeiras, músicas e danças da tradição cultural da comunidade a qual a criança está inserida. Devem ser promovidas situações significativas de aprendizagem para que as crianças exponham suas ideias e opinião e devem ser oferecidas atividades que faça as crianças avançarem nos seus conhecimentos e valores.

Nesse sentido, o momento da avaliação implicará numa reflexão do professor sobre o processo da aprendizagem tendo com base a observação e o registro, os quais são o acervo de informações e dos conhecimentos do professor e que lhe possibilitam avaliar as crianças, propondo novos encaminhamentos de atividades práticas, onde, as mesmas, conhecerão e aprenderão a valorizar sua história e cultura. Logo, conforme o RCNEI:

O contato com a natureza é de fundamental importância para as crianças e o professor deve oferecer oportunidades diversas para que elas possam descobrir sua riqueza e beleza. Fazer passeios por parques e locais de área verde, manter contato com pequenos animais, pesquisar em livros e fotografias a diversidade da fauna e da flora, principalmente brasileira, são algumas das formas de se promover o interesse e a valorização da natureza pela criança (BRASIL, 1998, p. 204).

No que se refere a área do conhecimento de *Artes Visuais*, a avaliação terá que buscar entender o processo individual de cada criança, afastando julgamentos de bonito ou feio, certo ou errado, os quais não auxiliam no processo educacional. Dessa forma, as crianças deverão ser observadas e essas observações registradas e, ainda, a avaliação deve ser feita através de processos que a criança analise e reflita sobre suas produções, evidenciando suas conquistas nas etapas do seu processo educativo,

[...] isso significa que a avaliação para a criança deve explicitar suas conquistas e as etapas do seu processo criativo; para o professor, deve fornecer informações sobre a adequação de sua prática para que possa repensá-los e estruturá-los sempre com mais segurança (BRASIL, 1998, p. 113).

Nas crianças de 0 a 3 anos a avaliação é feita pela exploração de diferentes materiais e, também, de possibilidades de se expressar por meio deles. Já para as crianças de 4 e 5 anos serão utilizados os desenhos, a pintura, a modelagem e até outras formas de expressão plástica para que elas possam representar-se, expressar-se e comunicar-se.

O processo avaliativo da área de *Matemática* deverá considerar a aprendizagem das noções matemáticas. Caberá ao professor observar, compreender e registrar o que as crianças aprendem, os significados atribuídos por elas nas atividades trabalhadas e nas situações vivenciadas no seu cotidiano como jogos, brincadeiras e atividades de seu entendimento, que vão além da própria matemática. Sendo assim:

A avaliação terá a função de mapear e acompanhar o pensamento da criança sobre noções matemáticas, isto é, o que elas sabem e como pensam para reorientar o planejamento da ação educativa. Deve-se evitar a aplicação de instrumentos tradicionais ou convencionais, como notas e símbolos com o propósito de classificar, ou juízos conclusivos (BRASIL, 1998, p. 238).

Na fase de 0 a 3 anos a avaliação da aprendizagem deve estar voltada para a observação e registro das atividades onde as crianças tenham o contato com números e com a exploração do espaço, será necessário que as crianças participem de atividades nas quais elas sejam estimuladas e utilizem a contagem oral, suas referências temporais e espaciais. O professor precisará criar condições para que as crianças explorem ao máximo o seu espaço físico, para elas engatinharem, se arrastarem, etc.

As crianças de 4 e 5 anos, por sua vez, deverão realizar atividades onde utilizaram seus conhecimentos de contagem oral, de registro de quantidades, de forma convencional ou não convencional e que comuniquem posições relativas à sua localização e a de pessoas e objetos.

O professor deverá acompanhar todo o processo de aprendizagem através da observação e do registro das atividades realizadas pelas crianças e enfatizar o que elas já adquiriram de conhecimentos novos de forma valorativa.

2.3. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste subcapítulo, passaremos a discutir os principais instrumentos utilizados pelos educadores da educação infantil para avaliar seus alunos: observação, registro, portfólio, fichas e relatórios.

2.3.1. Observação

A Observação é um instrumento de avaliação muito importante na educação infantil, pois através dela o professor acompanha o desenvolvimento da criança no seu cotidiano. Com a observação diária o professor identifica se a criança está atingindo os objetivos esperados para aquela determinada atividade, se os resultados foram alcançados e se há pontos a serem reformulados, conforme atesta Madalena Freire:

A observação é o que me possibilita o exercício do aprendizado do olhar. Olhar é como sair de dentro de mim para ver o outro. É partir da hipótese do momento de educação que o outro está para colher dados da realidade, para trazer de volta para dentro de mim e repensar as hipóteses. É uma leitura da realidade para que eu possa me ler (FREIRE, 1989, p. 3 apud HOFFMAN, 2005, p. 88).

Nesse sentido, partindo da observação das atividades proporcionadas às crianças, o professor deve criar oportunidades onde elas irão desenvolver novos aprendizados, criando possibilidades através da brincadeira, para observar suas atitudes e criar momentos de prazer e interação. E, aproveitando o que a criança já sabe, desenvolver novas habilidades, ampliando esse conhecimento e enriquecendo sua identidade.

Portanto, o professor da educação infantil, no processo de observação das crianças, precisa ter muita atenção e paciência, pois não é possível observá-las em apenas um momento, mas sim, em todo o processo contínuo de aprendizagem. Logo, o professor deve observar tanto o seu aprendizado quanto suas dificuldades e seu estado emocional, posto que, dependendo de sua afetividade com pais e

professores, a criança pode ter o seu desenvolvimento, como um todo, ajudado ou prejudicado.

2.3.2. Registro

O Registro deve ser considerado como um acompanhamento da observação que possibilita a verificação do conhecimento e das dificuldades apresentadas por parte de uma ação educativa e pedagógica que acontece em sala de aula. O registro pode ser feito de diversas maneiras, como: escritos, fotográficos, vídeos, gravação de áudio e outros.

Mas, qual a importância do registro na Educação Infantil? Para responder tal questionamento, recorreremos as palavras de Madalena Freire abaixo:

Por que é importante registrar? O ato de conhecer é permanente? Então está implícito o conhecimento como ato social e que esse educador faz história. Não existe sujeito do conhecimento sem apropriação de história. É o registro que historiciza o processo para a conquista do produto histórico. Possibilita também a apropriação e socialização do conhecimento e a construção da memória, como história desse processo (FREIRE, M., 1989, p. 5 apud HOFFMANN, 2005, p. 92).

O Registro, enquanto instrumento de avaliação, serve para comparar as anotações do início do ano com os dados mais recentes como uma forma de percepção das dificuldades e desenvolvimento das habilidades da criança e até que ponto ainda precisa de acompanhamento, só assim, o professor saberá o que planejar para o dia seguinte. Nesse sentido, Hoffmann, nos alerta que:

Os registros de avaliação refletem a imagem da ação desenvolvida pelo professor. Tal reflexo tende a ficar nebuloso, falso, quando os códigos a serem utilizados não permitem uma representação clara, nítida, significativa, do que se observou e do trabalho junto aos alunos (HOFFMANN, 2005 p.91).

O registro de avaliação torna-se um espelho da prática apresentada pelo professor, podendo não atingir o seu objetivo quando não for conduzido de forma adequada perante a observação do aluno. Nesse sentido, uma das funções do registro é verificar o conhecimento já construído, pois se a criança não sabe o

conteúdo em um determinado dia, com a intermediação do professor, no outro ela pode saber, e, assim, o registro auxilia, tanto o professor quanto o aluno, a dar prosseguimento no processo de construção do desenvolvimento e do conhecimento da criança.

Destacamos que a prática do registro permite ao professor o exercício e o resgate do compromisso da sua competência, pois com o registro diário ele tem em mãos todo o processo de crescimento das crianças sob sua responsabilidade, de suas habilidades e dificuldades, ajudando-o, assim, a planejar as atividades para o dia seguinte. Portanto, o Registro é de extrema importância para desenvolver uma prática pedagógica mais significativa e eficaz.

2.3.3. Portfólio

Outro instrumento de avaliação utilizado na educação infantil é o portfólio. Ele é um conjunto de atividades realizadas pelas crianças no decorrer do ano escolar que serve de suporte para o professor observar e respeitar o ritmo delas. Esse instrumento pedagógico deve ser organizado e planejado com atividades realizadas ao longo de um determinado período, não sendo um depósito de trabalhos apenas para mostrar aos pais, mas um instrumento que ajuda na construção da criança.

Alguns professores ainda entendem que o portfólio é apenas algo para “guardar” atividades das crianças para expor aos pais o que ela desenvolve em sala de aula, considerando-o como mero instrumento de avaliação e não de acompanhamento das aprendizagens construídas.

Por outro lado, os professores que trabalham com portfólio têm mais segurança em realizar os pareceres das crianças, estabelecendo melhores estratégias para acompanhar o desenvolvimento das mesmas.

É importante que, a cada dia, seja feito pelo menos um registro no portfólio, pois isso possibilita ao professor/a e ao aluno/a um retrato dos passos percorridos na construção das aprendizagens. Essa forma de registrar diariamente a caminhada do aluno/a tem o objetivo de mostrar a importância de cada aula, de cada passo, como uma situação de aprendizagem.

Devemos considerar o portfólio como uma valorização de todas as etapas, todo o processo de busca, indagação, elaboração de hipóteses na resolução das situações-problema apresentadas. Com isso, é possível perceber em que nível do processo o aluno se encontra, ao mesmo tempo, permite ao professor ressignificar continuamente sua prática pedagógica.

Portanto, utilizado como um instrumento de avaliação formativa, o portfólio não é o produto final da aprendizagem, mas sim,

[...] uma compilação apenas dos trabalhos que o estudante entenda relevantes, após um processo de análise crítica e devida fundamentação. O que é importante não é o portfólio em si, mas o que o estudante aprendeu ao criá-lo... (ALVES; ANASTASIOU, 2006, p. 104).

2.3.4. Fichas e Relatórios de Avaliação

As fichas de avaliação apresentam-se como instrumento típico da avaliação infantil, que se dá a partir do preenchimento dessas fichas no final de cada período (semestre, bimestre, trimestre), com anotações de aspectos e características uniformes sobre crianças de diferentes idades, frequentemente, com termos vagos e imprecisos, os quais enfatizam, somente, as atividades e áreas do desenvolvimento e do conhecimento das crianças que, muitas vezes, ainda não foram investigadas pelo professor.

Já os Relatórios são instrumentos utilizados pelos professores para registrar as observações das crianças, as situações, as experiências e os diversos aspectos da turma como um todo e/ou dos alunos individualmente e de seus processos tanto na aprendizagem quanto no âmbito sócio-afetivo e de grupo.

Este instrumento pedagógico é importante por expressar a memória do trabalho realizado com a turma e porque se constitui em um ponto de referência para a reflexão da ação docente e discente e para o planejamento e avaliação do trabalho realizado em todo processo educativo.

Para a elaboração do relatório é importante que se estabeleça critérios e objetivos a serem atingidos, como uma indicação de como estão sendo acompanhados e o desenvolvimento da criança, de forma que o professor possa

mediar esse progresso, ou não, do sujeito (criança) no processo de aprofundamento e/ou desenvolvimento do conhecimento, quando se fizer necessária essa intervenção do mesmo.

Capítulo III

ANALISANDO AS FICHAS E RELATÓRIOS AVALIATIVOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, buscaremos estudar as Fichas e os Relatórios de avaliação na Educação Infantil. No entanto, quando se fala em analisarmos esses dois instrumentos pedagógicos, não podemos deixar de ressaltar que a busca de significado para esta avaliação requer lembrar o estudo acerca das concepções de Educação Infantil, das teorias do desenvolvimento, das abordagens do processo educativo e de como se originam.

Sendo assim, precisamos analisar as diversas concepções de aprendizagem, como se diferenciam, ou não, tais posturas. Dessa forma, na medida em que aumenta o interesse e a discussão sobre a verdadeira intencionalidade da Educação Infantil, cresce, também, a discussão sobre o significado da própria avaliação.

Em meio a tantas teorias envolvidas nesse debate, a concepção construtivista-interacionista do conhecimento vem provocar uma nova forma de ver a educação infantil e, conseqüentemente, as práticas e posturas pedagógicas e avaliativas. Sobre isto, Piaget (1970, 1978 e 1987) citado por Hoffmann (2000, p. 187) diz que:

[...] a criança constrói o conhecimento na sua interação com o objeto, entendido como o seu próprio corpo, as coisas, as pessoas, os animais, a natureza, os fenômenos do mundo físico em geral. Ao nascer, cada criança apresenta processos internos que lhe possibilitam a aprendizagem, mas que resultam em desenvolvimento a partir, essencialmente, da sua experiência com o meio e das condições que o meio lhe oferece para isso. O que quer dizer que existe um sujeito ativo desde o nascimento, com estruturas orgânicas que o impulsionam à ação, mas cujo desenvolvimento depende radicalmente dessa ação...

A razão da teoria de Piaget ser chamada de “Construtivista”, é porque o conhecimento se constrói com a interação do sujeito com o objeto. Daí, nessa perspectiva de desenvolvimento, o estímulo ser oferecido ao aluno, no caso das atividades planejadas pelo professor, e não ser o ponto de partida do conhecimento, pois, de acordo com essa concepção pedagógica, a criança tem a sua história e sua

própria percepção de um objeto, ou seja, existe um “sujeito ativo”, mas que depende das ações planejadas, para que o desenvolvimento ocorra.

Já Vygotsky (1988), também, citado por HOFMMANN (2000, p.183), na teoria sócio-interacionista por ele desenvolvida, declara que:

[...] a ação da criança é também essencial para o desenvolvimento. Ela atribui significados aos objetos, não a partir de sua herança genética ou a partir de estímulos do meio ambiente, mas, através da interação com os elementos de sua cultura e do meio social. O curso do seu desenvolvimento cognitivo é influenciado pelo meio sócio-cultural da criança, e as referências semânticas representadas pelas palavras e conceitos vigentes no grupo social determina o conteúdo e a forma, tanto das estruturas lingüísticas quanto das estruturas do seu pensamento. Dessa forma, a criança participa ativamente da construção de sua própria cultura e de sua história, construindo conhecimentos e construindo sua identidade a partir de relações interpessoais.

Hoffmann, ao analisar tal teoria, ressalta a importância da concepção de avaliação da aprendizagem para Vygotsky, afirmando que:

Para ele (Vygotsky), todo indivíduo tem possibilidades intrínsecas de desenvolvimento e progresso intelectual, e, assim, deve-se procurar analisar o potencial de aprendizagem, tendo como alvo pedagógico o desenvolvimento do potencial avaliativo e não simples determinação dos “déficits” de aprendizagem, como é o sentido tradicional da avaliação em psicologia (HOFFMANN, 2000, p. 184).

Nesse sentido, a autora, analisando a teoria desenvolvida por Vygotsky, diz que a mediação, como intervenção pedagógica desafiadora do potencial da criança, é uma tarefa essencial do avaliador, onde o papel dele será de buscar uma articulação significativa entre os conceitos construídos pela criança e as formas mais elaboradas de compreensão da realidade.

Como mencionado anteriormente, Hoffmann, é a autora que mais estudou o processo avaliativo e adaptou os seus conceitos básicos para serem aplicados na Educação Infantil. Sendo assim, nos respaldamos nela e nas teorias de Piaget e Vygotsky, por ela comentada, para analisarmos as fichas e os relatórios de avaliação utilizados na educação infantil, nos próximos tópicos.

3.1. FICHA DE AVALIAÇÃO Nº 01

Observemos a ficha de avaliação abaixo:

ESCOLA _____		FICHA DE AVALIAÇÃO PRÉ-ESCOLAR		ANO _____	
MATRÍCULA ____/____/____					
PROCEDÊNCIA _____					
ALUNO _____				IDADE _____	
PROFESSORA _____					
PSICÓLOGA _____					
PERÍODO _____		TURMA _____		TURNO _____	
NASCIMENTO ____/____/____		SEXO _____		NACIONALIDADE _____	
ENDEREÇO _____				FONE _____	
FILIAÇÃO _____					
E _____					

AVALIAÇÃO CONDENSADA					
APRENDIZAGEM	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	
ATENÇÃO					
MEMÓRIA					
DOMÍNIO DO VOCABULÁRIO					
RACIOCÍNIO					
OBSERV. _____					

MOTRICIDADE	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	
CORPORAL					
HABILIDADES					
GRAFISMO					
HAB. FÍSICAS					
OBSERV. _____					

ATITUDES SÓCIO-AFETIVAS	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	
IDENTIDADE					
SOCIABILIDADE					
LIBERDADE					
RESPONSABILIDADE					
CRITICIDADE					
OBSERV. _____					

COMPORTAMENTO (ATITUDES)	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	
HIGIENE CORPORAL					
HIGIENE AMBIENTAL					
BOAS MANEIRAS					
ALIMENTAÇÃO					
VESTUÁRIO					
POSTURA					
SEGURANÇA					
REPOUSO					
LAZER					
ESTUDO					
SEXUAL					
OBSERV. _____					

CONVENÇÕES	- CONCEITOS
	VB - Venceu bem
	V - Venceu
	VP - Venceu parcialmente
	NV - Não venceu
_____ de _____ de _____	
_____ Professora	
_____ Supervisora	
_____ Diretora	

TENDÊNCIA: ORIENTAÇÃO CONCLUSIVA

A ficha escolhida para análise foi elaborada por uma instituição de educação infantil e tem como base uma divisão comportamentalista de áreas de desenvolvimento, que deve ser preenchida pelo professor, utilizando convenções e/ou conceitos expostos na própria ficha.

A ficha que passamos a denominar de Ficha Nº 01, apresenta uma série de equívocos teóricos. Primeiro, ela é utilizada para avaliar crianças de idades diferentes, como é de costume em algumas instituições de ensino infantil, dessa forma, negam-se as possibilidades próprias de cada criança em diferentes idades.

Em segundo lugar, no que se refere às áreas de desenvolvimento sócio-afetivas, ela deixa muito a desejar, pois caberá ao professor aplicar um juízo de valor sobre as crianças, analisando se essas atitudes sócio-afetivas foram desenvolvidas e/ou alcançadas pela criança. Nesse sentido, a ficha 01, estabelece um código referencial de conceitos, onde mostra classificações próximas e difusas sobre o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

No quadro denominado Comportamentos (atitudes), ela categoriza-os por itens, tais como: higiene corporal, vestuário, estudo e sexual. Esse modelo traz muitos equívocos para o processo avaliativo, por exemplo: Primeiro, fragmentando as crianças em todos esses aspectos, o professor lança um juízo de valor ao classificá-lo.

Como sabemos, na grande maioria dos casos, a classificação é discriminatória e excludente e a estabelecida na ficha 01 acima não foge à regra. Com o agravo mais sério, porque esse conjunto de equívocos pretende, ainda, ser representativo na análise do desenvolvimento das crianças a ele submetido, pois, comparando-as, acaba por desrespeitá-las em suas características próprias enquanto sujeitos ativos que merecem respeito no seu processo de desenvolvimento.

É notória a necessidade de conhecimento e aprofundamento em concepções teóricas sobre a infância, o desenvolvimento da criança e a educação infantil por parte de quem elaborou a ficha 01, e, talvez, também, do professor que tem que preencher os dados.

Contudo, muitos ainda utilizam este tipo de ficha de avaliação ou similar a ela, um modelo classificatório e comportamentalista excludente, que resulta da pouca (in)formação de profissionais da educação infantil e da ausência de propostas pedagógicas significativas nas instituições voltadas a esse segmento educacional.

Sobre isto, Hoffmann (2005, p. 105), afirma que: “Nunca é demais repetir que a transformação da prática não inicia por mudanças nas formas de registros. O registro é sobretudo a imagem do trabalho...”. Por isso, é tão importante refletir/analisar nossa formação profissional e, conseqüentemente, nossa concepção de avaliação.

3.2. FICHA DE AVALIAÇÃO Nº 02

A ficha de Avaliação Nº 02, que iremos analisar neste item, é subdividida nos seguintes aspectos: 1- Aspecto Sócio-Emocional; 2- Psicomotricidade; 3- Estruturas infra-lógicas/Percepção/Lógicas; 4- Música; 5- Recreação; 6- Artes; 7- Vida diária; 8- Linguagem/ Estruturas Linguísticas. Contudo, abaixo, esboçaremos, como exemplo, o ponto 1: Aspecto Sócio-Emocional, porém, iremos analisá-la em sua totalidade e exporemos, nos anexos, a ficha completa.

FICHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL JARDIM I – ANO DE 2008

ALUNO (A):				
PROFESSORAS:				
I. ASPECTO SÓCIO – EMOCIONAL:				
	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Participa das atividades de sala de aula?				
Necessita de ser estimulado constantemente para executar:				
- Suas atividades de sala de aula?				
- Suas atividades de recreação?				
- Suas atividades de artes?				
- Suas atividades de dança e música?				
Demonstra interesse pelos colegas, participa e coopera com eles?				
Tem consciência do certo e do errado?				
Compreende as regras de um jogo?				
Mantém-se constantemente isolado do grupo?				
Apresenta dificuldade de relacionamento com as pessoas?				
Demonstra alegria?				
Reage de forma inesperada?				
1º bimestre				
2º bimestre				
3º bimestre				
4º bimestre				
Demonstra sensibilidade exagerada (ri a toa, chora a toa)?				
É capaz de resolver seus problemas sozinho?				
Demonstra sinal de liderança?				
Trabalha independentemente?				
Provoca os colegas envolvendo-os em situações problemáticas?				
Aceita críticas e sugestões?				
Tem hábito de retirar os objetos dos outros?				
Sente-se seguro na escola?				
Demonstra segurança em suas ações?				
Apresenta demasiado interesse por sexo? (manipulando a si e / ou colegas).				
Adota sistematicamente uma atitude de oposição à professora e aos colegas? Em que situações?				
1º bimestre				
2º bimestre				
3º bimestre				
4º bimestre				
Apresenta medo sem razão aparente, de algum objeto ou situação? Quais?				
1º bimestre				
2º bimestre				
3º bimestre				
4º bimestre				
Mente com frequência?				
Procura atrair as atenções para si mesmo?				
Comporta-se com acanhamento,				
- Ao executar uma tarefa?				
- Na presença de pessoas estranhas?				
- No relacionamento com colegas?				
- No relacionamento com as professoras?				
Evita participar das atividades, apesar de ter possibilidades, por temer o fracasso?				
Tem dificuldade em aceitar a derrota?				
Tenta realizar tarefas além de suas possibilidades?				
Frequentemente desvaloriza tudo o que faz?				
Repete constantemente palavras, atitudes ou gestos?				
Permanece indiferente aos estímulos que o cercam?				
Preocupa-se exclusivamente com seus interesses?				
Divide materiais e brinquedos com outras crianças?				
Demonstra interesse por coisas novas e situações?				
Solicita sempre a atenção da professora?				
É solidário em suas ações?				
Respeita seus colegas?				
Respeita as pessoas da comunidade escolar?				
Utiliza algumas normas de cortesia?				

Esta ficha, assim como a Nº 01, é subdividida em áreas do desenvolvimento humano. Embora não seja tão discriminatória quanto à ficha anterior, mas, devido ao número de observações a serem preenchidas pelo professor, ela toma um caráter burocrático e cansativo, principalmente, em virtude do seu tamanho e da sua fragmentação, o que prejudica a ação avaliativa, pois, de acordo com Hoffmann (2000, p. 191):

Não há como se falar em ação avaliativa, enquanto acompanhamento e mediação, que não aconteça no cotidiano da ação educativa e que não absorva a dinâmica da construção do conhecimento. Ela não pode ser entendida como um momento ao final do processo, em que se verifica onde a criança chegou, definindo sobre ela uma “lista de comportamentos ou capacidades...”

Entendo o conceito de mediação a partir da própria autora, acima referida, o qual “[...] significa um estado de alerta permanente do professor que deve acompanhar e estudar a história da criança em seu processo de desenvolvimento...” (HOFFMANN, 2000, 191).

Um dado preocupante da ficha 02 está no desenvolvimento de competitividade por parte das famílias e/ou responsáveis em termos do alcance de maior número de itens assinalados, ao “treinamento de habilidades” desenvolvidas e/ou alcançadas pelas crianças e por professores que “conseguiram” desenvolver estas habilidades de padrões desejáveis de educação e/ou desenvolvimento.

3.3. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO Nº 01

Ao fazer o relatório 01 (abaixo), cuja capa traz o seguinte: Relato de Observação – “Sou Assim”. O professor deve ter o cuidado em relatar, de forma clara e direta, uma postura pedagógica que privilegie os objetivos e/ou aspectos sócio-afetivo, cognitivo e motor, que vem no cabeçalho do próprio relatório. Observar, também, se a análise do desenvolvimento global da criança está acontecendo de uma forma espontânea e em um contexto rico de oportunidades e diferenciado.

Vejamos a postura de Hoffmann em relação aos relatórios de avaliação aplicados as crianças na Educação Infantil:

Relatórios de avaliação têm por objetivo historicizar os caminhos que cada uma vem percorrendo em busca de conhecimento do mundo e desenvolvimento de valores pessoais, retratando, assim, a dinamicidade de sua ação de conhecer. [...]. Nesse sentido não há lugar para listas de comportamentos e/ou critérios uniformes de desempenho, para classificações conceituais desses comportamentos ou para elaboração de relatórios a partir de roteiros pré-fixados... (HOFFMANN, 2000, p. 196).

Com isso, a autora explica que serão as próprias crianças que darão subsídios na interação com o objeto de conhecimento e o educador terá as circunstâncias e acontecimento que contribuirão para o preenchimento do relatório.

3.4. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO Nº 02

Professora

O relatório de desempenho obtido por seu aluno é um momento de reflexão seu sobre o mesmo, e sobretudo, de sua prática educacional, pois é através de suas observações específicas de seus alunos que você pode direcionar o seu trabalho.

Por isso, ao fazer os relatórios, faça-os com carinho e dedicação. Pense que cada aluno seu é uma sementinha que alguém entregou aos seus cuidados!

Para lhe ajudar nesta tarefa, leve em consideração alguns pontos como:

1. Como era o meu aluno nos primeiros dias de aula?
 - . Socialização, hábitos, afetividade, desenvolvimento motor, etc
2. Como ele está hoje?
 - . Ele mudou?
 - . Em que aspectos? (socialização, hábitos, afetividade...)
 - . Como se deu esta mudança?
3. Quanto a sua aprendizagem dos conteúdos vivenciados?
 - . Tem apresentado um bom rendimento?
 - . O que ele já sabe fazer sozinho?
 - . O que ele ainda precisa de ajuda para fazer?
 - . Em que ele precisa melhorar?, etc.
4. O que os pais podem fazer para ajudá-lo?
 - . No comportamento.
 - . Nas atividades escolares, etc.
5. Finalize seu relatório, elogiando ou reivindicando, se for o caso, a participação dos pais na vida escolar dos seu filho.

Obs.: Ao terminar o relatório, antes de entregar aos pais, nós que acompanhamos o seu trabalho (supervisão e coordenação), gostaríamos de saborear com você o resultado do seu trabalho.

Neste relatório, o que chama a atenção é a posição da supervisora em encaminhar para a professora um roteiro de como ela deve iniciá-lo, sobre o desempenho de seus alunos, tirando, de certa forma, a autonomia da professora em elaborar a sua própria avaliação. Em seguida, a supervisora solicita que a professora, antes de entregar aos pais, mostre os relatórios a supervisão e a coordenação pedagógica para que, juntos, possam analisá-lo.

Este tipo de roteiro para construção de relatório, como apresentado no relatório 02 acima, quer transmitir uma uniformidade e padronização da instituição. Porém, se o professor for realmente “mediador” não há como uniformizar estes relatórios, pois, eles irão contemplar as crianças “[...] em seu ambiente próprio e espontâneo numa postura não diretiva do professor...” (HOFFMANN, 2000, p. 206).

Sobre a utilização do relatório na educação infantil, observemos o que Hoffmann diz:

Para os professores, relatórios de avaliação devem constituir-se na síntese organizadora do processo vivido por ele e pelas crianças e sobre como foi construído. A partir de tais reflexões, o professor opera transformações no seu próprio modo de pensar sobre elas, refletindo sobre os caminhos que percorreram, os obstáculos que encontraram e como os superaram, os conhecimentos construídos... (HOFFMANN, 2000, p.p. 207/208).

Portanto, só assim o professor conseguirá de fato vivenciar uma ação transformadora e mediadora, ressignificando, a partir desse processo avaliativo, o seu modo de pensar e de agir. Já para as crianças,

[...] significa a historicização do seu processo de desenvolvimento, através de registros que permitam a pais e educadores o estabelecimento de relações entre o que já conquistou e o novo a aprender e conquistar, o reconhecimento de seus avanços, suas dificuldades, suas possibilidades (HOFFMANN, 2000, p. 208).

Diante da análise destes quatro instrumentos de avaliação, chegamos a um consenso que só com base em uma concepção de avaliação formativa e mediadora estaremos fazendo uma avaliação realmente significativa na Educação Infantil, considerando as características e respeitando a individualidade da criança. Posto que, a “[...] avaliação em educação infantil precisa resgatar urgentemente o sentido essencial de acompanhamento do desenvolvimento infantil, [...], como elo da continuidade da ação pedagógica...” (HOFFMANN, 2000, p. 48).

Considerações Finais

Nas considerações finais deste trabalho, que teve como objetivo, principal, analisar o significado da avaliação na educação infantil, verificando quais concepções pedagógicas influenciou essa avaliação e apontando quais foram os instrumentos avaliativos presentes neste segmento de ensino, nos permitiu conhecer uma nova visão do que é a avaliação na educação infantil.

Dessa forma, observamos que antes, o processo de avaliação na Educação Infantil, era tido como uma ação que levaria ao ensino fundamental, onde prevaleciam velhos conceitos e estereótipos, como uso do registro de instrumentos de avaliação e a não valorização do processo avaliativo para o desenvolvimento infantil.

Atualmente, consideramos que a avaliação na Educação Infantil é um grande desafio, pois devemos buscar avaliar as crianças sem cair nas armadilhas do juízo de valor, ou seja, classificar, rotular e excluir nossas crianças.

Esta pesquisa permitiu, também, enriquecer os meus conhecimentos como educadora no momento em que me levou a pesquisar várias concepções, métodos e instrumentos avaliativos utilizados na avaliação da educação infantil. Instrumentos como a observação, o registro, o portfolio, relatórios individuais e relatório global, as fichas de avaliação, etc. Tudo isto, visando atingir uma análise avaliativa que realmente contribui-se e acompanhasse o processo de ensino-aprendizagem.

Logo, acredito que este trabalho não é conclusivo, ele serve como proposta de uma reflexão na área de educação infantil, melhor dizendo, um novo olhar sobre a avaliação na educação infantil. Pois, dessa forma, exercitamos novas formas de olhar a educação e a avaliação e “[...] olhar é como sair de dentro de mim para ver o outro. [...] É uma leitura da realidade para que eu possa me ler” (FREIRE, M. 1989 apud HOFFMANN, 2005, p. 88).

Referências Bibliográficas

ALVES, Leonir Pessote; ANASTASIOU, Léo das Graças Camargo (Org). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 6.ed. Jonville: UNIVILLE, 2006.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre a educação**. Campinas: Versus Editora, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 1, 2 e 3. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLL, César et.all. **O Construtivismo na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.

DOROCINSKI, Solange Inês. **Avaliação escolar**: repressão ao acolhimento, trajetória possível e necessária, 2003, 134 f. Dissertação de Mestrado (Engenharia de Produção). Área de concentração Mídia em Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1984.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 24.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

_____. **Avaliação na pré-escola**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **Mito e Desafio**: uma perspectiva construtivista. 26.ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Avaliação da aprendizagem na escola** – reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova, um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RABELLO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. 4ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

UEPB. **Coletânea de textos didáticos**. Vol.3. 2.ed. Prática Pedagógica IV, 2008.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

ANEXOS

ANEXO A – FICHA DE AVALIAÇÃO Nº 01

ESCOLA _____		FICHA DE AVALIAÇÃO PRÉ-ESCOLAR		ANO _____	
MATRÍCULA ____/____/____					
PROCEDÊNCIA _____					
ALUNO _____				IDADE _____	
PROFESSORA _____					
PSICÓLOGA _____					
PERÍODO _____		TURMA _____		TURNO _____	
NASCIMENTO ____/____/____		SEXO _____		NACIONALIDADE _____	
ENDEREÇO _____				FONE _____	
FILIAÇÃO _____					
E _____					

AVALIAÇÃO CONDENSADA				
APRENDIZAGEM	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.
ATENÇÃO				
MEMÓRIA				
DOMÍNIO DO VOCABULÁRIO				
RACIOCÍNIO				
OBSERV. _____				

MOTRICIDADE	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.
CORPORAL				
HABILIDADES				
GRAFISMO				
HAB. FÍSICAS				
OBSERV. _____				

ATITUDES SÓCIO-AFETIVAS	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.
IDENTIDADE				
SOCIABILIDADE				
LIBERDADE				
RESPONSABILIDADE				
CRITICIDADE				
OBSERV. _____				

COMPORTAMENTO (ATITUDES)	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.
HIGIENE CORPORAL				
HIGIENE AMBIENTAL				
BOAS MANEIRAS				
ALIMENTAÇÃO				
VESTUÁRIO				
POSTURA				
SEGURANÇA				
REPOUSO				
LAZER				
ESTUDO				
SEXUAL				
OBSERV. _____				

CONVENÇÕES	- CONCEITOS
VB - Venceu bem	
V - Venceu	
VP - Venceu parcialmente	
NV - Não venceu	
_____ de _____ de _____	
_____ Professora	
_____ Supervisora	
_____ Diretora	

TENDÊNCIA: ORIENTAÇÃO CONCLUSIVA

ANEXO B – FICHA DE AVALIAÇÃO Nº 02

FICHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL JARDIM I – ANO DE 2008

ALUNO (A):				
PROFESSORAS:				
I. ASPECTO SÓCIO – EMOCIONAL:				
	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Participa das atividades de sala de aula?				
Necessita de ser estimulado constantemente para executar:				
- Suas atividades de sala de aula?				
- Suas atividades de recreação?				
- Suas atividades de artes?				
- Suas atividades de dança e música?				
Demonstra interesse pelos colegas, participa e coopera com eles?				
Tem consciência do certo e do errado?				
Compreende as regras de um jogo?				
Mantém-se constantemente isolado do grupo?				
Apresenta dificuldade de relacionamento com as pessoas?				
Demonstra alegria?				
Reage de forma inesperada?				
1º bimestre				
2º bimestre				
3º bimestre				
4º bimestre				
Demonstra sensibilidade exagerada (ri a toa, chora a toa)?				
É capaz de resolver seus problemas sozinho?				
Demonstra sinal de liderança?				
Trabalha independentemente?				
Provoca os colegas envolvendo-os em situações problemáticas?				
Aceita críticas e sugestões?				
Tem hábito de retirar os objetos dos outros?				
Sente-se seguro na escola?				
Demonstra segurança em suas ações?				
Apresenta demasiado interesse por sexo? (manipulando a si e / ou colegas).				
Adota sistematicamente uma atitude de oposição à professora e aos colegas? Em que situações?				
1º bimestre				
2º bimestre				
3º bimestre				
4º bimestre				
Apresenta medo sem razão aparente, de algum objeto ou situação? Quais?				
1º bimestre				
2º bimestre				
3º bimestre				
4º bimestre				
Mente com frequência?				
Procura atrair as atenções para si mesmo?				
Comporta-se com acanhamento,				
- Ao executar uma tarefa?				
- Na presença de pessoas estranhas?				
- No relacionamento com colegas?				
- No relacionamento com as professoras?				
Evita participar das atividades, apesar de ter possibilidades, por temer o fracasso?				
Tem dificuldade em aceitar a derrota?				
Tenta realizar tarefas além de suas possibilidades?				
Frequentemente desvaloriza tudo o que faz?				
Repete constantemente palavras, atitudes ou gestos?				
Permanece indiferente aos estímulos que o cercam?				
Preocupa-se exclusivamente com seus interesses?				
Divide materiais e brinquedos com outras crianças?				
Demonstra interesse por coisas novas e situações?				
Solicita sempre a atenção da professora?				
É solidário em suas ações?				
Respeita seus colegas?				
Respeita as pessoas da comunidade escolar?				
Utiliza algumas normas de cortesia?				

II – PSICOMOTRICIDADE:	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Tem bom nível de concentração nas atividades?				
Distrai-se facilmente?				
Difícilmente completa uma atividade?				
É capaz de observar?				
Interessa-se pelos assuntos de cada unidade?				
É capaz de fixar os conteúdos básicos de cada unidade?				
Tira conclusões?				
É capaz de fazer analogias?				
Percebe relações de causa e efeito?				
Tem noção de temporalidade?				
Pergunta quando não entende?				
Possui pensamento crítico?				
Interessa-se pelas excursões relacionadas às unidades?				
Percebe, reconhece e nomeia as partes principais do corpo?				
Consegue ter relativa independência dos membros em relação ao tronco?				
Tem bom equilíbrio estático ?				
Tem bom equilíbrio dinâmico ?				
Tem percepção e controle do movimento respiratório?				
Cai com facilidade?				
Balança todo o corpo ao andar?				
Tem posição rígida ao andar?				
Sobe e desce escadas alternando os pés?				
É capaz de rolar no chão?				
Sabe correr?				
Joga bola?				
Transporta objetos ao andar?				
Esbarra freqüentemente nos colegas ou objetos?				
Movimenta-se harmoniosamente?				
Já tem sua lateralidade definida – pé?				
Já tem sua lateralidade definida – olho?				
Já tem sua lateralidade definida – mão?				
Sabe pular deslocando-se para várias direções?				
Apresenta dificuldade em encaixar objetos?				
É capaz de colar?				
É capaz de colar dentro de um limite?				
É capaz de pintar com os dedos dentro de um limite?				
Executa o movimento de pinça?				
Deixa cair objetos que segura?				
Segura o lápis ou giz com pressão?				
Executa movimento de rosca?				
É capaz de amassar papel?				
Sabe rasgar o papel com as mãos – livremente?				
Modela massinha e argila livremente?				
É capaz de utilizar a tesoura?				
Executa movimentos precisos ao recortar?				
É capaz de versar substâncias diversas?				
É capaz de soprar?				
É capaz de sugar usando um canudo?				
Interessa-se pelos assuntos de cada unidade?				
Acompanha o movimento de objetos mexendo só com os olhos?				
É capaz de imitar movimentos simples?				
Manipula objetos de diferentes formas?				
Manipula objetos simples de limpeza?				
Utiliza objetos do lanche corretamente?				
Explora e utiliza corretamente objetos de uso pessoal?				
Utiliza o banheiro adequadamente?				
Consegue rasgar papel em tiras?				

III – ESTRUTURAS INFRA – LÓGICAS / PERCEPÇÃO/ LÓGICAS	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Tem noção de espaço corporal?				
Tem noção de espaço topológico?				
Relaciona a posição do seu corpo com objetos?				
Relaciona a posição do seu corpo com outro?				
É capaz de distinguir diferentes formas?				
É capaz de distinguir diferentes dimensões?				
É capaz de distinguir diferentes variações térmicas?				
É capaz de distinguir diferentes variações táteis?				
Identifica as cores primárias?				
Identifica as cores secundárias?				
Identifica diferentes sons?				
É capaz de localizar a origem dos sons?				
Permanece atento durante uma atividade?				
É capaz de discriminar diferentes sabores?				
É capaz de utilizar a memória visual na execução das atividades?				
É capaz de utilizar a memória auditiva na execução das atividades?				
É capaz de utilizar a memória cinestésica na execução das atividades?				
Percebe semelhança e diferença?				
Percebe e identifica cores primárias?				
Reconhece, identifica e transfere para a vida prática os conceitos de: grande e pequeno?				
Reconhece, identifica e transfere para a vida prática os conceitos de : cheio e vazio?				
Reconhece, identifica e transfere para a vida prática os conceitos de : pesado e leve?				
Reconhece, identifica e transfere para a vida prática os conceitos de : dentro e fora?				
Reconhece, identifica e transfere para a vida prática os conceitos de : longe e perto?				
Reconhece, identifica e transfere para a vida prática os conceitos de: a frente e atrás?				
Faz agrupamentos de classes?				
Resolve situações problemáticas?				
Percebe uma seqüência lógica com os blocos?				
É capaz de produzir uma seqüência lógica com os blocos no concreto?				
Identifica, reconhece e nomeia os numerais de 0 a 9?				
Realiza a escrita dos numerais de 0 a 9?				
Consegue fazer a relação entre numeral e quantidade?				
IV – MÚSICA	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Canta junto com o grupo?				
Gosta de ouvir música?				
Acompanha um ritmo dado?				
Cria novos sons?				
Reproduz um ritmo?				
É capaz de dançar e / ou tocar um instrumento com uma música?				
Tem facilidade de associar os diferentes ritmos a seu próprio corpo?				
Associa ritmo as palavras?				
V – RECREAÇÃO:	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Gosta de brincadeiras livres?				
Brinca com diferentes materiais? (bola, arco, pneus...).				
Gosta de brincadeiras diferentes?				
Inventa brincadeiras?				
Brinca na areia?				
Brinca na casa de boneca?				
Brinca no escorregador?				
Prefere brincar em grupo?				
Prefere brincar paralelamente?				
Prefere brincar só?				
Gosta e participa das aulas com a tia?				
VI – ARTES:	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º
Manifesta interesse pelas atividades de artes?				
Sabe utilizar o material adequadamente?				
Faz seus trabalhos com criatividade?				
Aprende as técnicas com facilidade?				
Apresenta diferentes temáticas?				
Trabalha utilizando todo o espaço do papel?				
Usa cores variadas?				
Tem cuidado com o material?				
Segura adequadamente o lápis?				
Segura adequadamente o pincel?				
Segura adequadamente a tesoura?				
É capaz de executar movimentos coordenados com a tesoura?				
Sempre termina o trabalho que iniciou?				
Faz desenhos de acordo com o tema?				
Monta cenas usando uma técnica?				
Monta cenas usando utilizando diferentes técnicas?				
Desenha a figura humana estruturada de acordo com a sua faixa de desenvolvimento?				
VII – VIDA DIÁRIA:	BIMESTRE			
	1º	2º	3º	4º

... possui hábitos de vida na escola? (espera a vez, dirige-se à pessoa certa...).				
Usa corretamente os talheres e copo?				
Sabe nomear diferentes talheres?				
É capaz de despir-se com auxílio?				
É capaz de despir-se só?				
Sabe vestir-se com auxílio?				
É capaz de se calçar com auxílio?				
É capaz de se calçar só?				
Sabe vestir-se só?				
Lava as mãos corretamente?				
Escova os dentes corretamente?				
Sabe usar o pente?				
Reconhece o vestuário adequado às diferentes situações?				
Reconhece situações de perigo?				
Conhece artigos de primeiros socorros?				
Sabe a utilização e manuseio destes materiais?				
Guarda sempre o material que utilizou?				
Arruma jogos e brinquedos?				
Permanece junto ao grupo de passeios?				
Usa e cuida da sua sacola de maneira adequada?				
Tem controle esfinteriano total?				
Usa fardamento completo?				
Realiza tarefas escolares de casa?				
Trás todos os materiais usados na aula? (pasta polionda, agenda, tarefas e lancheiras)				
Tem cuidado e devolve os livros de literatura infantil, após a leitura, na biblioteca?				
VIII – LINGUAGEM / ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS				
	1º	2º	3º	4º
Participa efetivamente das conversas informais na rodinha?				
Percebe o enredo de uma história?				
É capaz de perceber o início, meio e fim de uma história?				
Percebe os personagens?				
Estabelece relação entre os personagens de uma história?				
Emite opiniões?				
Cria histórias?				
Gosta de ouvir histórias?				
Participa dos diferentes tipos de expressão?				
Fala mesmo sem ser solicitado?				
Demonstra possuir boa articulação das palavras?				
Pronuncia corretamente as palavras?				
Tem vocabulário adequado à sua faixa de desenvolvimento?				
Expressa -se em frases simples?				
É capaz de encarregar-se de recados simples?				
Define diferentes objetos?				
Discrimina elementos visuais?				
Tém seqüência lógica de idéias?				
Mantém a unidade do diálogo?				
Representa a escrita através de pseudo -letras?				
É capaz de compreender que a escrita é representada por letras e a representa usando letras-indiscriminadamente?				
É capaz de perceber o valor sonoro das palavras, representando na escrita cada sílaba por uma letra qualquer?				
Identifica sons iniciais das palavras?				
Identifica sons finais das palavras?				
Escreve, usando diferentes tipos de grafia? (garatuja, traços, símbolos, números ...)				
Escreve, usando letras, indiscriminadamente? (período pré-silábico)				
Escreve, usando uma letra para cada sílaba da palavra? (período silábico)				
Alterna a escrita utilizando uma letra para cada sílaba ou escreve convencionalmente? (período silábico – alfabético)				
Escreve, convencionalmente, as palavras simples e complexas? (período alfabético)				
Reconhece a história do seu nome?				
Identifica, reconhece e nomeia tipos de moradia?				
Identifica, reconhece e nomeia os meios de comunicação?				
Identifica, reconhece e nomeia os meios de transporte? -				
Identifica, reconhece e nomeia tipos de alimentação?				

ANEXO D – RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO Nº 02

Professora

O relatório de desempenho obtido por seu aluno é um momento de reflexão seu sobre o mesmo, e sobretudo, de sua prática educacional, pois é através de suas observações específicas de seus alunos que você pode direcionar o seu trabalho.

Por isso, ao fazer os relatórios, faça-os com carinho e dedicação. Pense que cada aluno seu é uma sementinha que alguém entregou aos seu cuidados!

Para lhe ajudar nesta tarefa, leve em consideração alguns pontos como:

1. Como era o meu aluno nos primeiros dias de aula?
 - . Socialização, hábitos, afetividade, desenvolvimento motor, etc

2. Como ele está hoje?
 - . Ele mudou?
 - . Em que aspectos? (socialização, hábitos, afetividade...)
 - . Como se deu esta mudança?

3. Quanto a sua aprendizagem dos conteúdos vivenciados?
 - . Tem apresentado um bom rendimento?
 - . O que ele já sabe fazer sozinho?
 - . O que ele ainda precisa de ajuda para fazer?
 - . Em que ele precisa melhorar?, etc.

4. O que os pais podem fazer para ajudá-lo?
 - . No comportamento.
 - . Nas atividades escolares, etc.

5. Finalize seu relatório, elogiando ou reivindicando, se for o caso, a participação dos pais na vida escolar dos seu filho.

Obs.: Ao terminar o relatório, antes de entregar aos pais, nós que acompanhamos o seu trabalho (supervisão e coordenação), gostaríamos de saborear com você o resultado do seu trabalho.

ANEXO E – RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO Nº 03

EDUCAÇÃO INFANTIL – INFANTIL I

DIAGNÓSTICO INICIAL

DESENVOLVIMENTO SÓCIOAFETIVO

Na vida social a criança desenvolve atitudes que definem sua forma de relacionar-se com o outro. Aceitação, respeito, cooperação e polidez é o que cabe aos educadores (da família e da escola) oferecer como modelo para a criança em processo de desenvolvimento.

FOCOS DE OBSERVAÇÃO (Como tem sido?)

- Integração ao grupo (adaptação);
- Relacionamento com os colegas.

DESENVOLVIMENTO PSICO-MOTOR

O domínio do corpo (postura e equilíbrio) revela o desenvolvimento da coordenação motora. Através dos movimentos do corpo a criança realiza ações, interagindo com o mundo a sua volta.

FOCOS DE OBSERVAÇÃO (Como executa as ações?)

- Movimentos como amassar e rabiscar;
- Imita movimentos simples;
- Anda em grupo nos passeios no interior da escola.

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

A linguagem é representada pela fala, gestos e escrita. A capacidade de expressar pela fala, gestos e escrita é revelador das elaborações do pensamento da criança.

FOCOS DE OBSERVAÇÃO (Como expressa ou compreende?)

- Mensagens orais;
- Pronuncia as palavras ou sentenças;
- Suas necessidades.